

Apresentação



Chegamos ao último exemplar do ano da O&S novamente reunindo um grupo seleto de artigos que certamente irão aspergir contribuições ao processo de conhecimento. Da faina de Ana Heloisa da Costa Lemos, Daniel Arbaiza Rodriguez e Vinicius de Carvalho Monteiro nos chega um artigo voltado para o estudo da empregabilidade na sociedade disciplinar, recorrendo os autores a um referencial foucaultiano para realizar sua investigação. De início, argumentam os autores que o sentido do termo empregabilidade é controverso e impreciso, sendo valorizado de forma desigual pelos participantes do debate acerca das disposições comportamentais que são exigidas aos trabalhadores, *vis-à-vis* as transformações no mundo da produção. Baseados em Foucault, os autores empreendem uma reflexão crítica que aborda as dimensões subjacentes à categoria empregabilidade, menos como garantidoras de autonomia individual e mais como perpetuadoras da submissão dos trabalhadores à dinâmica do sistema produtivo.

De Katia Puente-Palacios, Rúbia Sousa Almeida e Daniela Vilarinho Rezende vem uma contribuição sobre o impacto da interdependência no trabalho sobre a efetividade de equipes. Estando as equipes de trabalho cada vez mais presentes nas organizações, uma das suas características centrais é a dependência existente entre seus membros, tanto quanto às tarefas executadas, como às recompensas recebidas. Os resultados de pesquisas demonstram que ambas as formas de dependência impactam na efetividade das equipes de maneiras diferenciadas. Assim, o objetivo do artigo aqui apresentado foi analisar, empiricamente, o efeito da interdependência de tarefas e de resultados sobre a satisfação e o comprometimento de membros de equipes. Como objeto empírico, foram analisadas as respostas de 333 funcionários de uma mesma organização. O modelo preditivo permitiu explicar 15% da satisfação e 14% do comprometimento. Adicionalmente, constataram-se efeitos diferentes de cada preditor analisado. As implicações práticas referem-se à necessidade dos gestores cuidarem dos impactos diferenciados de cada tipo de dependência na satisfação e no comprometimento.

Avançando, temos a contribuição de Hélio Arthur Reis Irigaray e Maria Ester de Freitas que tratam do tema da sexualidade nas organizações, mais especificamente da discriminação de homossexuais femininos. O artigo em tela, assentado na premissa da Pós-Modernidade Crítica de que existam múltiplas identidades simultâneas e sobrepostas, volta seu olhar para averiguar como as lésbicas se percebem no mundo corporativo. Para tal foram tomadas empresas públicas e privadas, de diversos setores, localizadas nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro e São Paulo, e realizadas entrevistas com 18 mulheres homossexuais de idades, etnias, aspectos físicos e classes sociais diferentes. Os resultados revelaram que: a) as lésbicas, assim como os *gays*, se percebem submetidas a práticas discriminatórias no ambiente de trabalho, as quais, não raramente, se escondem sob a máscara do humor e da informalidade; b) a orientação sexual não pode ser tratada como uma categoria sólida, uma vez que outras dimensões físicas e psicográficas, como estética, etnia, classe social acentuam ou atenuam a discriminação e, finalmente, c) as lésbicas se discriminam entre si em função de outros atributos.

Alexandre Reis Rosa e Patrícia Mendonça trazem-nos artigo que relaciona movimentos sociais e análise organizacional sob a perspectiva da teoria de *frames* e oportunidades políticas. O artigo foca em uma dicotomia fundamental no campo, qual seja, a escolha entre "estratégia" ou "identidade" como ênfase da ação coletiva, recorrendo às teorias de *frames* e das oportunidades políticas que, em conjunto, buscam resgatar a dimensão cultural e política dos movimentos sociais. Os autores trazem exemplos de análises empíricas que fizeram uso de tal literatura recentemente no Brasil, resguardando que, embora desenvolvida em outro contexto sócio-político, esta abordagem teórica tem grande potencial analítico e pode ser testada em outras análises que busquem compreender tais dimensões da ação coletiva nos movimentos sociais em contexto brasileiro.

Do labor de Kely César Martins de Paiva, Daiane de Lima Pinto, Michelle Regina Santana Dutra e Raquel Ferreira Roquete vem a contribuição à O&S que discute a questão do tempo no campo dos gestores de varejo em Belo Horizonte (MG). A vivên-

cia do tempo na gerência é examinada à luz das cinco categorias apresentadas por Bluedorn e Jaussi (2007), a saber: policronia, velocidade, pontualidade, profundidade temporal e arrastamento. A pesquisa empírica foi conduzida através de entrevistas com 20 gestores de lojas similares do comércio varejista, situadas em *shopping centers* e em ruas de Belo Horizonte (MG). A análise dos resultados apontou que a maioria dos gestores adota comportamentos policrônicos e acelerados; portando, uma preocupação marcante com o cumprimento das metas, o que denota elevado senso de pontualidade. Não se observou uma preferência distinta dos entrevistados em termos de profundidade temporal. A partir da análise dos três processos de arrastamento delineados pelos autores - sincronia, liderança, condução -, foi possível observar uma nítida relação entre tempo e poder, denotando a face ambígua, contraditória e fragmentada da gerência.

Leonardo Flach e Claudia Simone Antonello aportam um ensaio teórico que se debruça sobre como o fenômeno da improvisação pode contribuir para novas interpretações da Aprendizagem Organizacional. Os autores utilizam a metáfora da improvisação no ritmo Choro para auxiliar na compreensão do processo de improvisação nas organizações, tendo como principal objetivo do estudo discutir e analisar o papel da improvisação nos processos de Aprendizagem Organizacional. Entendem os autores que a improvisação exerce importante influência nos processos de Aprendizagem Organizacional e que a perspectiva da aprendizagem baseada em práticas pode auxiliar na compreensão da improvisação organizacional.

Mário Vasconcellos e Ana Maria de A. Vasconcellos, em seu artigo selecionado pela O&S, analisam a parceria entre as organizações públicas e as organizações sem fins lucrativos. Ao discutir as diferentes perspectivas do conceito de parceria, destacam algumas das principais preocupações teóricas sobre este conceito no contexto da governança. Enfatizam que, em geral, o contexto histórico da parceria não tem sido incluído entre os fatores usados para explicar o seu uso no contexto da governança. A reflexão dos autores aponta que, a despeito das análises sobre parceria indicarem a produção de benefícios sociais, ainda existem lacunas no conhecimento que evidenciam que esta "tecnologia social" contribui efetivamente para empoderar as pessoas e os grupos sociais com menor poder de influência. Os autores desvelam que a maior parte da literatura sugere que a parceria objetiva fortalecer a relação entre a população e o governo local, melhorando as possibilidades das pessoas e dos grupos sociais com menor poder de influência em participar da governança local. Entretanto, pontuam os autores, não ser encontrado na literatura evidências substantivas de que a parceria se direciona para modificar a estrutura de poder político. Não fica claro, asseveram os autores, se a interação entre as "pessoas comuns" e o estado, por via de um processo participativo, tem contribuído efetivamente para construir coesão social para diferentes grupos sociais. A principal contribuição do artigo reside, no entender dos seus criadores, em expandir o conhecimento dos fatores que influenciam (de forma positiva e negativa) o processo de parceria entre o estado e a sociedade civil para o desenvolvimento local.

Com o artigo de Aline de Assis Teixeira e Ana Augusta Ferreira de Freitas, voltado para o ato de presentear nos relacionamentos comerciais entre provedores de serviços e consumidores, encerramos a seção de artigos da presente edição da O&S. Recorreram as autoras, para realizar sua pesquisa, a dois métodos qualitativos: (i) entrevistas ficcionais e (ii) técnica do incidente crítico. A partir deste estudo, observou-se que a motivação para o ato de presentear em relacionamentos comerciais decorreu, principalmente, da satisfação dos consumidores em relação aos serviços prestados pelos profissionais. Os tipos de presentes citados variaram bastante, sendo os itens de uso pessoal os mais citados em relacionamentos comerciais que permitem maior intimidade entre a díade. Os clientes narraram como data escolhida para o ato de presentear, dias comuns que sucederam o recebimento de favores ou de atendimentos satisfatórios. Os provedores de serviços, por sua vez, acusaram o recebimento de presentes em datas comemorativas. Em relação ao realinhamento do relacionamento após o ato de presentear, também foram identificadas divergências nas respostas da díade. Se a maior parte dos clientes fez referência ao efeito de fortalecimento

do relacionamento, os profissionais mostraram-se relutantes em admitir mudanças comportamentais após o recebimento de presentes.

Encerramos esta edição da O&S trazendo ao caro leitor, da versão impressa ou digital, duas resenhas. Começamos com a resenha da obra de autoria de CARRIERI, Alexandre, SARAIVA, Luiz Alex, ENOQUE, Alessandro Gomes, GANDOLFI, Peterson Elizandro (Orgs) intitulada *Identidade nas Organizações* (Curitiba, Juruá, 2010) feita por Fernando de Oliveira Vieira. O resenhista volta-se para os sete capítulos do livro que estão centrados na reflexão sobre *identidade*, usando-se como “pano de fundo” as Organizações - espaço real e simbólico dessa formação. Os capítulos do livro cobrem um vasto campo de interesses e de manifestações da questão organizacional e, em particular, da identidade. O resenhista dedica-se à tarefa de apreciar cada um dos capítulos que compõem o livro.

A segunda resenha desta edição é feita por José Luis Felício Carvalho sobre o livro de autoria de FREITAS, M.; DANTAS, M. (Orgs.) intitulado *Diversidade Sexual e Trabalho* (São Paulo: Cengage Learning, 2012). O autor se propõe a fazer uma resenha crítica em cima de uma obra constituída por doze capítulos, divididos em duas partes. A primeira parte, intitulada “Orientação Sexual e Trabalho”, reúne textos classificados pelos autores como mais genéricos, por meio dos quais se pretende analisar a orientação sexual frente ao contexto social mais abrangente. Na segunda parte do livro, denominada “Um Agir Sexual no Trabalho?”, levanta-se a perspectiva de explorar profissões específicas que, ao longo do tempo, ficaram marcadas por estereótipos de gênero. Essas profissões são: donas(os) de casa e cozinheiras(os), profissionais acadêmicos, policiais e peritos, acadêmicos novamente, artesãs(ãos) e gerentes. O resenhista desenvolve seu trabalho analisando cada um dos capítulos que constituem o livro em epígrafe.

Entendemos, sob a perspectiva da editoria, que resenhas são sempre bons indicadores para outras leituras e objeto de pesquisa de interessados na temática exposta pelos livros. Agradecemos sumamente ao resenhistas essas colaborações à O&S.

Assim, desejamos aos leitores uma apreciação não só das resenhas como dos artigos aqui enfeixados nesta edição.

Como de costume, segue-se abaixo o Índice de Endogenia desta edição.

Salvador, dezembro de 2011

Prof. José Antonio Gomes de Pinho
Editor O&S

Índice de Endogenia desta edição da O&S (artigos de professores/alunos da instituição mantenedora da Revistas: Escola de Administração UFBA – NPGA - CIAGS): zero (total de artigos nesta edição 8): zero

Índice de Endogenia acumulado (calculado deste a Edição 42): 11,6%